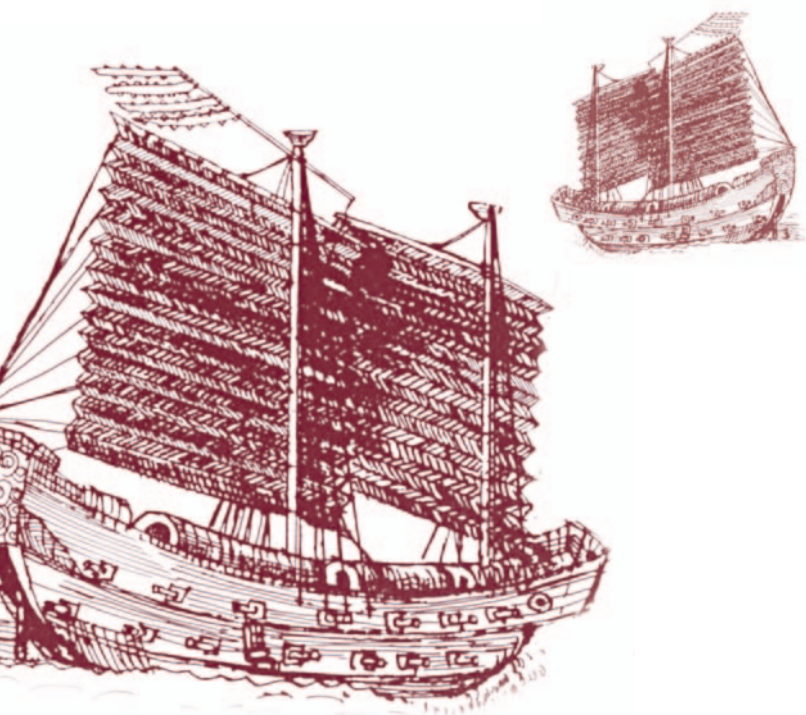


A dimensão da alteridade em *The Travels* de Peter Mundy (1637)

Contribuição para o Estudo das Relações Anglo-Portuguesas no Extremo Oriente

ROGÉRIO MIGUEL PUGA*



*Lecciona no ISEC (Lisboa) e no Ensino Secundário. Investigador do Centro de Estudos Anglo-Portugueses, Centro de História de Além-Mar (FCSH da Universidade Nova de Lisboa) e do Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa (FL da Universidade de Lisboa). Mestrando em Estudos Anglo-Portugueses na Universidade Nova, onde se licenciou.

Lecturer at the Instituto Superior de Educação e Ciências in Lisbon, as well as at the secondary school level. Researcher at the Centro de Estudos Anglo-Portugueses, Centro de História de Além-Mar, Universidade Nova de Lisboa, and the Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa, Universidade de Lisboa. Currently doing a master's degree in Anglo-Portuguese Studies at the Universidade Nova de Lisboa, where he obtained his bachelor's degree.

"A diary offers an individual perception of existence translated into words, concrete images, and sequences that show a personality in process of being in a particular world."

Harriet Blodgett, *Centuries of Female Days: English Women's Diaries*, 1989, p. 7.

Pouco depois do estabelecimento permanente dos Portugueses em Macau (c. 1557), diversas embarcações europeias acostam próximo ou mesmo no porto de Macau, então a única porta europeia para o Império do Meio. Os ingleses não são excepção e, na primeira metade do século XVII, entre muitas outras,¹ e após a assinatura, em Goa, da trégua entre Portugal e a Inglaterra em 1635,² uma frota inglesa visita a "Cidade do Nome de Deus". A 27 de Junho de 1637, quatro navios sob o comando de John Weddell, "the victor of Hormuz"³ ancoram nas ilhas a Sul de Macau,⁴ depois de terem passado por Goa, trazendo a bordo alguns missionários jesuítas de Malaca. De acordo com Austin Coates, esta é a primeira viagem comercial inglesa à China, sendo que num dos navios da armada de Sir William Courteen,⁵ que deixara a Inglaterra em Abril de 1636, se encontra Peter Mundy.⁶ Este viajante inglês apresenta, no seu diário de viagens,⁷ uma longa descrição de Macau seiscentista,⁸ complementada com alguns desenhos da cidade, descrita como uma plataforma multicultural. O diário⁹ descreve as inúmeras viagens de Mundy quer pela Europa quer pela Ásia, sendo a sua redacção e conteúdo influenciados pelo contexto histórico-social, motivação e interesses do seu autor. O autor apresenta uma descrição do enclave português relativamente distanciada, limitando-se a enumerar e espelhar vivências, hábitos, edifícios e interesses.

No final da viagem, o viajante – "redhaired barbarian"¹⁰ – vai a terra em 28 de Junho para entregar uma carta do rei Carlos II ao Senado e ao Capitão D. Domingos da Câmara Noronha. Mundy, que fala português – "lingua franca" no Oriente – e espanhol, John Mountney e o intérprete Thomas Robinson, que fala igualmente português,¹¹ são convidados para almoçar no seminário jesuíta,¹² tendo essa visita à cidade ocorrido dois anos após a construção da imponente fachada da igreja da Nossa Senhora da Assunção do Colégio Jesuíta da Mãe de Deus. O viajante descreve a



Vista geral de Macau. Esta e as restantes gravuras do "Journal" de Peter Mundy que acompanham este artigo foram extraídas da obra "Seventeenth Century Macau in Contemporary Documents and Illustrations", editada por C.R. Boxer (Hong Kong/Kuala Lumpur/Singapore: Heinemann-Asia).

recepção que o grupo tem em Macau: "[We] were received with much respectt and an Answear promised the Next Day".¹³

Quer à entrada quer à saída da cidade, os ingleses são salvados por tiros de artilharia e Mundy refere que nessas duas ocasiões se encontra junto de dois fortes – Forte de S. Francisco (p. 59) e Forte da Barra (p. 65) –, facto este que não deixa de ser significativo e simbólico do quão segura, e até mesmo inacessível, a cidade se encontra aos olhos da tripulação inglesa. Os fortes simbolizam, portanto, o poder e a força dos portugueses em Macau e, muito depois da sua chegada, o autor volta a aludir aos "Many Castles and Fortifications att Macao".¹⁴

"This Citty of Macao hath many Castles, Forts, platfformes, etts., well stored with Ordnance and people, the Cittizens well Furnished with armes For

themselves and Negroes, of whom there are Many. In my opinion a strong place, and it behooves them, For the Dutch await all oportunities to Dispossesthem of this as well as others."¹⁵

O advérbio de intensidade ("many") concorre para essa mesma simbologia, uma vez que a cidade, de acordo com os ingleses, parece estar bem guardada e fornecida de edifícios de prestígio. As fortalezas associam-se quase sempre à paisagem urbana, possuindo toda uma carga simbólica quer para quem senhoreia a cidade quer para quem a visita.¹⁶ O autor avança ainda a possibilidade da defesa do território contra a ameaça holandesa, apresentando igualmente a situação económico-política para que a entrada da frota inglesa em Macau seja protelada até à partida da frota do Japão.¹⁷

DIPLOMACIA

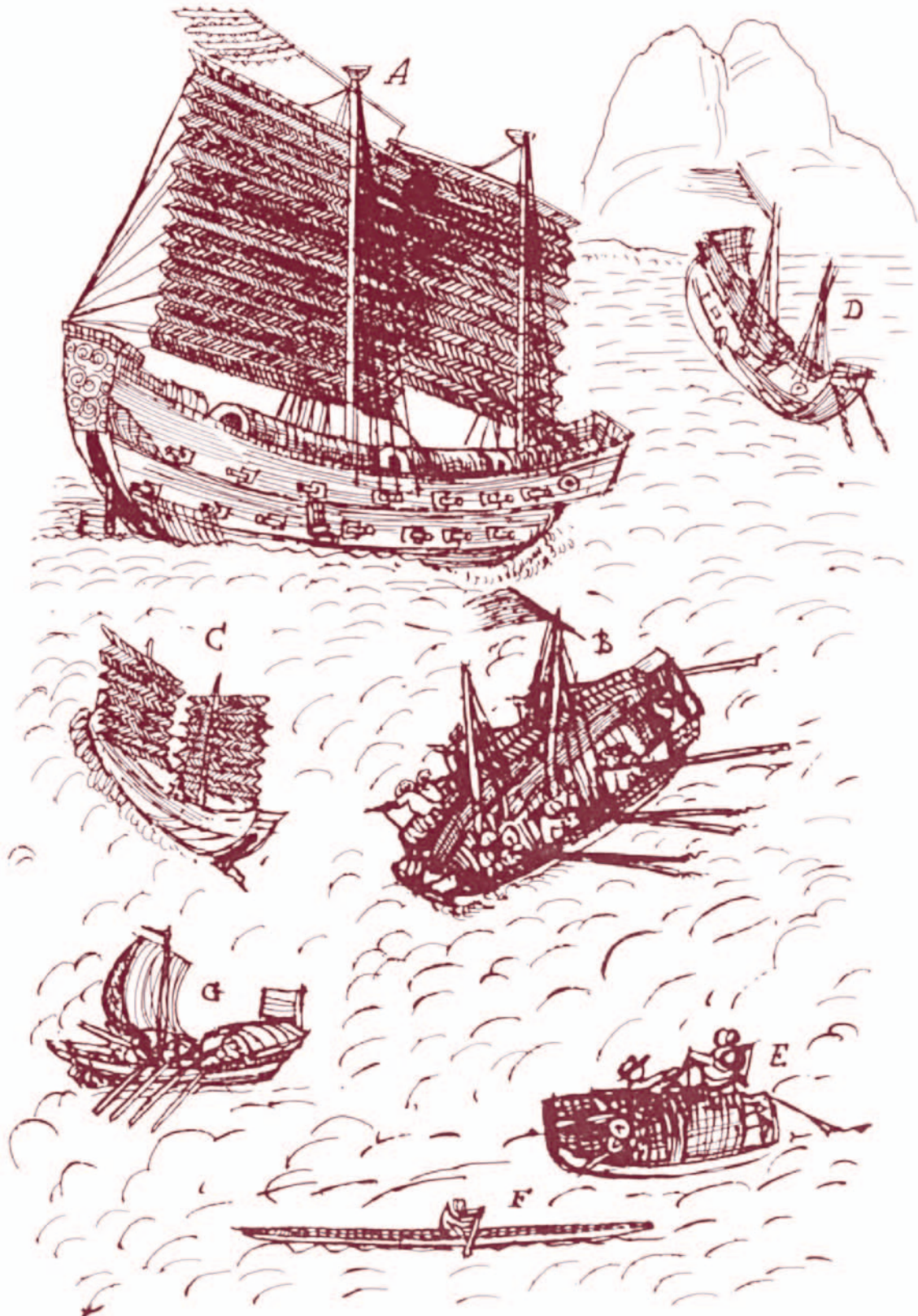
Esta mesma visita de Mundy à cidade tem lugar antes de Weddell decidir, a 29 de Julho, navegar Rio das Pérolas acima, rumo a Cantão, para tentar comercializar directamente com os chineses.¹⁸ Estes últimos, tal como os portugueses, desejam ver os ingleses o mais longe possível da costa da China, uma vez que quer a situação privilegiada dos portugueses na região, quer a rota da nau do trato para Nagasáqui são mais-valias que se desejam estáveis e seguras. Em vinte e nove de Julho, rendendo-se às evidências, a tripulação inglesa resolve deixar Macau e contactar directamente com a população chinesa, referindo a simpatia com que os jesuítas lhes fornecem mantimentos para a viagem, bem como algumas trocas que fazem com portugueses que lhes comprem vinho.¹⁹ Após a partida, e a par das descrições de velozes juncos e embarcações chinesas acompanhadas de minuciosos desenhos das mesmas, Mundy confessa o medo e a apreensão da tripulação perante o desconhecido e as intenções da população local, terrestre e marítima. À medida que se afastam de Macau, os ingleses perdem o contacto com o familiar, tornando-se as dificuldades inerentes ao(s) primeiro(s) contacto(s) entre dois povos mais evidentes e densas. O enclave representa, portanto, para o viajante europeu, como que um porto de abrigo onde o exótico se mistura com a segurança do familiar, providenciada pela população portuguesa residente no estabelecimento, onde quer missionários quer mercadores defendem os seus interesses económicos e religiosos.

Em Setembro, as autoridades chinesas aconselham o Senado da cidade a expulsar os ingleses da zona da “Bocca Tigris”, regressando para Macau, onde Peter Mundy havia alugado uma casa para levar a cabo algum comércio, embora limitado. Weddell regressa, então, à cidade, reconhecendo que desobedecera às leis chinesas e portuguesas; no entanto, as tribulações da frota não haviam terminado. Em Novembro, uma frota vinda do Japão traz consigo um grupo de refugiados cristãos, fugidos da perseguição religiosa,²⁰ que, por sua vez, pedem a Weddell que os transporte para um território mais a Ocidente, pedido esse a que o navegador acede, desagradando às autoridades portuguesas que ordenam aos ingleses que abandonem a cidade. Seis meses após a sua chegada, os ingleses abandonam Macau, rumo à Índia, chegando à Europa, mais especificamente a Dover, em Janeiro de 1638.²¹

A descrição de Peter Mundy foi redigida pouco tempo antes do fim do período áureo da cidade, fruto do comércio com o Japão. Na sua narrativa, o viajante inglês apresenta ao leitor²² um caleidoscópio de imagens e representações quer da arquitectura quer das diversas formas de viver que se podem observar em Macau durante o século XVII. Daí que o exotismo antropológico-literário seja uma constante nesta obra, a par da diversidade, do espanto e das singularidades do enclave. Esta mesma narrativa é única no século XVII, uma vez que nos apresenta a imagem da cidade de um viajante inglês, enquanto universo cultural misto, bem como da presença portuguesa nesse mesmo território, sendo, portanto, um documento privilegiado para o estudo do início das relações anglo-portuguesas no Oriente, nomeadamente em Macau.²³ Este mesmo relato apresenta diferenças significativas em relação aos de António Bocarro (1635) e Marco D’Avaló (1838), sendo mais rico no que diz respeito à descrição do *modus vivendi* multicultural da cidade, onde os japoneses e outras etnias marcam uma presença constante.

Poderemos definir exotismo como a “representação do Outro civilizacional e da sua singularidade”.²⁴ Como o próprio prefixo do termo indica, o exotismo, como discurso sobre a alteridade, implica um movimento do olhar e dos demais sentidos para fora do Eu cultural ocidental, “desvio” esse presente no diário de viagem de Peter Mundy. A visão do *alter mundus* leva o Eu a consciencializar-se de que é também Outro no seio de um processo de “leitura” interactiva. Metáfora representativa do encontro de diversas esferas civilizacionais, o exotismo apresenta-se como uma questão de identidade, de pertença sociocultural; uma questão ontológica e também gnoseológica. Um jogo de espelhos transversal a todas as manifestações artísticas, filtrado quer pela sensibilidade de quem elabora quer pelo contexto histórico-cultural da sua produção e posterior recepção, sendo um fenómeno intimamente relacionado com a atitude do Eu para com o Outro como o provam os estereótipos e *topoi* que surgem da descrição da “realidade” que se apresenta mutante aos olhos do observador-externo. A focalização exótica e a visão do Outro relacionam-se, assim, com o ponto de vista de quem descreve e opina. O ponto de partida, as expectativas e interesses de quem (d)escreve ou mitifica outros povos é determinante para a construção dessas

DIPLOMACY



Juncos e outras embarcações chinesas.

DIPLOMACIA

imagens que são tão diversas como os destinos dos Europeus e os seus interesses. A imagem da China e do Japão, países que não foram “encontrados” e (d)escritos da mesma forma que a África ou a América do Sul, é bem diferente das imagens de territórios colonizados por países europeus. Daí que Edward Said defenda, na sua polémica obra *Orientalism*,²⁵ a teoria de que o Oriente é uma invenção, até certo ponto literária, do Ocidente.

Mundy, ao longo do seu diário, refere e descreve, envolto de espanto e maravilha, o tecto da Igreja de São Paulo, bem como a sua fachada, que é, ainda hoje, um dos *ex-libris* da cidade de Macau, bem como frutos locais e outros objectos exóticos, recorrendo, para esse fim, à comparação entre o “cá” e o “lá” e, por vezes, entre dois povos exóticos entre si.²⁶

Em relação ao seu primeiro dia e refeição em Macau, revela:

“Among the rest a Fruitt Named Leicheea, as bigge as a Wallnutt, ruddy browne and Crusty, the skynne like to that of the Raspis (raspberry) or Mulberry [...] in tast like to those Musacadine grapes thatt are in Spaine in some Country houses aboutt their Courtts etts. [...]. It is said they are proper only to this Kingdome of China, And to speake my owne Mynde, it is the prettiest and pleasauntest Fruit thatt ever I saw or tasted.”²⁷

Mais adiante, o autor descreve a flora e a fauna existentes no território, nomeadamente “a straunge plantt” e “pretty fishes”:

“Some trees are to bee seene here and there in the City and some smalle gardein plottes, butt in their houses Many galleries and tarasses Furnished with Macetas [...] various sorts of smalle trees, plantts, Flowers, etts. Among the rest a smalle tree (common here) growing outt off a Meere rocke or stone, which is putt into a panne or other vessell off water [...]. In the said panne they allso putt certaine smalle Fishes as bigge and as long as a Manns little Finger, [...] broughtt From Cantan [...]. Both off the tree and Fishes I brought aboard to the Admirall [Weddell] butt in few Daies all Died For want off good looking unto...”²⁸

Quase no final da descrição da cidade, o autor apresenta uma espécie de feijões existentes na cidade (“as wee have with us”), concluindo: “...by which men may see thatt Climates Doe alter the Forme off plantts etts. [and other] Creatures...”²⁹ O saber empírico é também uma consequência dos Descobrimentos Portugueses,

sendo reforçado pelas múltiplas descobertas como também Luís de Camões afirma em *Os Lusíadas*, sessenta e cinco anos antes de Mundy visitar Macau, através das expressões: “Saber só de experiência feito” (IV, 94) e “Vi claramente visto” (V, 18).³⁰

No primeiro dia da visita, Mundy demora o seu olhar na “St. Paules Church”:

“The rooffe of the Church apertheyning to the Collidge (called St. Paules) is of the fairest Arche that yett I ever saw to my remembrance, of excellentt worckemanshippe, Don by the Chinois, Carved in wood, curiously guilt and painted with exquisite collours, as vermillion, azure, etts., [...] Allsoe there is a New Faire Frontispice to the said Church with a spacious ascent to it by many steppes...”³¹

O viajante, ciente da riqueza e singularidade que se apresentam perante o seu olhar, regista essa mesma beleza com recurso a referentes europeus já conhecidos dos leitores, para que estes últimos possam visualizar a diversidade existente em Macau, onde confluem diversas formas de ser, ver e sentir, comparando, desde logo, a situação geográfica e aspecto do Sul da China a outras paragens igualmente exóticas e às ilhas inglesas Moorstones:

“Macao standeth at one end of a greatt Iland built on rising hills, some gardeins and trees among their houses making a pretty prospecte somwhatt resembling Goa, although not soe bigge; Their houses double tyled, and thatt plaistred over againe, for prevention of Hurricanes or violentt wyndes that happen some Yeares, called by the Chinois Tuffaones, which is allso the reason (as they say) they build no high towers Nor steeples to their Churches. [...] Beeffore Macao are many Ilands, some greater some lesse some inhabited, most part nott [...] many great ones such as wee have in some part off the Westcountry, called **Moorestones**...”³²

É óbvia a preocupação do autor em justificar a especificidade da arquitectura de Macau quer com hábitos culturais quer através de condicionantes climatéricas, tendo o cuidado de apresentar igualmente a tradição local chinesa. A distância geográfica dá, portanto, origem a esta mesma sensação de “exótico”, quando da descrição de locais, seres, costumes e hábitos raros, pouco conhecidos do leitor ou apreciador de qualquer forma de arte. Este mesmo jogo dialéctico dará inevitavelmente lugar a julgamentos axiológicos e, conseqüentemente, à analogia e à comparação, quer por aproximação/semelhança quer por distânciação/

DIPLOMACY

dissemelhança. Presente no texto encontra-se, igualmente, a importância conferida pelos portugueses de Macau ao seu rendoso comércio, durante muito tempo em regime de monopólio, com o Império do Sol Nascente, facto pelo qual as autoridades proibem a frota inglesa de entrar no território até que a frota do Japão³³ parta de viagem, afirmando que os chineses não permitem que a cidade negocie com outras nações, nem mesmo os espanhóis. Tal proibição é igualmente justificada pela ordem que o Governador de Macau recebera dos seus superiores, o vice-rei da Índia e o “rei de Espanha”, ou seja Filipe I de Portugal. Aos chineses também desagradava a presença de barcos estrangeiros nos mares próximos de Macau.³⁴

O contacto da frota inglesa com a população local é impedido pelos portugueses, sendo o pataxo *Anne* proibido de fazer comércio com os barcos chineses. Ao referir as embarcações locais que passam ao largo da sua frota, Mundy expressa, mais uma vez, o seu espanto perante a “estética do diverso”:³⁵ “They came in a bigge vessel with a kettle Drumme and a broad brasse pan, on both which the(y) beatt, keeping tyme together. They had allsoe on their vessell certaine Flagges and streamers.”³⁶

Mundy apercebe-se, desde cedo, das razões para esse embargo por parte dos portugueses, face à ameaça estrangeira (“Reasons of the Portugalls not admitting us trade”):

1. “...when the Japan Fleete is gon wee shall have pratticke, that voyage beeing the Mayne upholding of this place.”
2. “...if wee had free trading here would allsoe trafficke For Japan, and thatt theirby theirs would Decay... ”³⁷
3. “[Peter Mundy conclui que os Portugueses] kept the Maine cause of all to themselves, which was

thatt our Comming in Would quickly eat them outt of all trade.”³⁸

Já de regresso a Macau, após a prisão de alguns membros da tripulação na China, o autor do relato visita a cidade, acompanhado pelo comandante da frota inglesa [almirante Weddell], pelo comissário do *Dragon* [Christopher Parr] e por um padre protestante.³⁹ Sendo recebidos pelo Senado, dirigem-se para uma “very faire house retchely furnished with Plate, Beeumbos, Chaires, Cottes, hangings, etts. [...] Beeumbos⁴⁰ are certaine skreenes of 8 or 9 Foote Deepe, made into sundry leaves which principally serve to Divide a roome or to sequester some part therof, as allsoe for Ornament, placing them against the walles. They make a Most Delightsome shew, beeing painted with variety off curious lively colleurs intermingled with gold, containing stories, beasts, birds, Fishes, Forrests, Flowers, Fruites, etts. They are commonly in 2 pairts, each part containing 8 leaves or plaites, some of them worth 100 Ryall of eightt the paire, some More, some lesse.”⁴¹

O autor descreve também a curiosa forma como os chineses escrevem:

“Is thatt which holds his Incke, the one side containing blacke, the other redde, 2 litle partitiones with water where hee Dippes his pensill and so tempers his Incke.[...] An invention of [*sic*] with 5 peakes or spires, wheron hee putts his pencills For nott Fowling the Carpitt or table. [...] The paper, beegining their writing at the left hand and their lines from the toppe downe toward the bottome.”⁴²

Não só os objectos merecem um olhar e descrição mais atentos por parte de Mundy, mas também os hábitos dos nativos. Ao desfrutar da cor local, o autor impregna o seu diário dessa mesma dimensão ou esfera civilizacional, distante da sua, quer no espaço quer no

O enclave representa, portanto, para o viajante europeu, como que um porto de abrigo onde o exótico se mistura com a segurança do familiar, providenciada pela população portuguesa residente no estabelecimento, onde quer missionários quer mercadores defendem os seus interesses económicos e religiosos.

DIPLOMACIA



Trajes e hábitos chineses.

que diz respeito aos costumes, facto este presente na descrição de um jantar em Macau:

“A Dinner how served in [Macau]”

“Our Dinner was served in plate, very good and savoury to my Mynde, only the Manner much Differing From ours, For every Man had a like portion of each sort of meat broughtt betweene 2 sillver plates, and this often Chaunged, For before a man had Don with the one, there was another service stood ready For him; Allmost the same Decorum in our Drincke [...] excellent good Portugall wyne. There was allsoe indifferent good Musick of the voice, harpe and gutterne.”⁴³

São igualmente descritos os trajes comuns chineses (“Sundry habitts of Chinois”)⁴⁴ e, sendo a roupa um marcador simbólico das civilizações que interagem na cidade, o autor apresenta-nos o retrato dessas mesmas (inter)vivências a partir das vestes que observa nas ruas do enclave. O luxo, a diferença e o exótico marcam, mais uma vez, presença ao longo

da descrição e dos desenhos elaborados pelo autor, nos quais coloca os habitantes locais em *performance*, registrando, assim, pictoricamente, rituais chineses, explicando as gravuras que apresenta:

“[Having] seene sundry sorts of habitts used among the Chinois, as of the Mandareenes aforesaid, with others, I have sett Downe such severall sorts as I Doe remember to have seene aboutt Macao [...]. The habitt of those wee call Mandareenes (a portugall word),⁴⁵ beeing officers of Commaund, having aboutt their middle a great girdle in which 2 such as himself may bee conteyned, made to stand outt, with the Kings armes embrodered before and behind then, somwhatt like the figure of a lyon.⁴⁶ They were it not ordinarily, butt fitt themselves when occasion requires, For I have seene the same parties thatt att sometymes are as No. A.; att other tymes I have seene them as No. D. and H.”⁴⁷

Em relação à representação pictórica das restantes vestes, realçamos alguns aspectos que concorrem para

DIPLOMACY

o carácter exótico dessas mesmas peças de vestuário: o curioso manto na cabeça do moço que Mundy descreve como andrógino: “...Noe men in the world in their outtward habitt More resemble weomen then of these Doe...”;⁴⁸ vestuário associado ao ritual do casamento; penteados específicos para cada grupo etário: “Many youthes and boies I have seene in this manner, but no Men, part offe their haire hanging loose aboutt their browes and head and the rest bound uppe.”;⁴⁹ o chapéu de sol que cobre os mandarins na rua; as almofadas que o povo inferior (“Inferiour people”) carrega para se ajoelhar perante as autoridades e, por fim, a luxuosa seda, deveras barata na China.⁵⁰ Através do vestuário podemos verificar a relação entre diversas categorias socioculturais como o género (*gender*) e o poder, associadas aos papéis sociais de cada grupo social e étnico. A representação da pertença de indivíduos a grupos etários, estratos sociais e respectivo prestígio, bem como ao género, espelha-se, assim, através de gestos, comportamentos e formas de vestir específicas. Em relação ao traje feminino, Mundy afirma não se pronunciar, pois não viu nenhuma mulher, “Butt the poorer sort, and those Differ butt little From the Men, The haire on their heads Made uppe after the same Manner, allthough in greater quantity. Jewells, Chaines, etts., I could [see] none worne by men, either Ritch or poore, aboutt their Necks, armes or in their eares, Neither weapons by their side.”⁵¹

Mais adiante, intitulará um capítulo “Butt one Portugall woman in Macao”, no qual afirma que as criadas chinesas são compradas e as esposas dos portugueses são chinesas ou de “raça mestiça”.⁵² Também o viajante italiano Marco D’Avalo,⁵³ na sua descrição de Macau (1638), refere a miscigenação que tem lugar na cidade. As formas de exercer poder, bem como o estatuto social e “doméstico” da mulher inserida na sociedade patriarcal de Macau, encontram-se, portanto, presentes, no relato de Mundy,⁵⁴ que acaba por confessar: “Questionlesse many other straunge Fashioned attires are used Farther uppe in the Country”,⁵⁵ para descrever, posteriormente, a fisionomia dos chineses, elaborando juízos de valor estético perante uma etnia que observa pela primeira vez:

“They are for the most part small Eyed, wyde mouthed and Flatte Nosed, of a swart coullour those thatt live hereawaies, it beeing allmost under the

tropicke of Cancer (although there bee amongst them many handsome Faces and proper men) their beards very thing [*sic*] with few haire, butt long, which I conceive to bee Naturall in the most part. Others pull them outt and keepe them soe. Some greatt thick beards I have seene, but very Few.”⁵⁶

O autor estranha a textura da barba dos chineses, em comparação com a dos europeus. A barba dos portugueses era, do Oriente ao Brasil, um elemento distintivo dos lusos, sendo que os viajantes-escritores europeus dos séculos XV-XVII descrevem, admirados, povos sem barba ou pêlos no corpo.

O autor, alojado na casa do capitão António Oliveira Aranha,⁵⁷ vereador de Macau, distingue ainda os diferentes hábitos e civilizações/etnias que coabitam no território, afirmando: “Having made this short Digression off the Chinois, I will now returne to the Portugalls in Macao.”⁵⁸

Nessa mesma casa vê, a brincar, “3 or 4 very pretty Children, Daughters to the said Senor Antonio and his kindred, thatt except in England,”⁵⁹ I thincke not in the world to bee overmatched For their pretty Feature and Complexion, their habitt or Dressing becomming them as well [...] their uppermost garmentts beeing little Kimaones, or Japan coates, which graced them allsoe.”⁶⁰

Podemos, assim, verificar ser visível, no enclave, a influência da cultura japonesa, associada à luxuosidade. São igualmente descritos os habitantes nipónicos de Macau, que os ingleses vêem nas ruas da cidade, estranhando hábitos então exóticos como o uso de lenços de papel:

“Some Few Japonesees wee saw in this Citty: most of them Christians. Those thatt are nott, shave the one halffe of their heads. From the Crowne Forward, the rest of their haire tied beehind in a little knotte, butt very short. [...] They blow their Noses with a certaine sofft and tough kind off paper which they carry aboutt them in small peeces, which having used, they Fling away as a Fillthy thing, keeping handkercheifes off lynnens to wype their Faces and hands.”⁶¹

Para uma descrição mais pormenorizada sobre o Japão, Mundy, que pouco ou nada conhece do Império do Sol Nascente, remete o leitor para um outro escritor inglês – Samuel Purchas⁶² – conhecido pelas suas compilações de narrativas de viagem, onde se encontra o relato de William Adam, inglês que vivera no Japão e a cuja obra Mundy talvez se referisse.

DIPLOMACIA



Um japonês (A) e um chinês (B) cumprimentando.

Quase no final da sua descrição, o autor dedica ainda vários parágrafos aos habitantes ricos e aos trajes privados e públicos das mulheres em Macau, retomando o tema já anteriormente versado. Transcrevemo-lo aqui pela sua importância etnográfica, uma vez que espelha uma das esferas do quotidiano macaense no século XVII:

“This place affoards very Many ritche Men, Cladde after the Portugall Manner. Their Weomen like to those att Goa in Sherazzees or (? and) lunghees, one over their head and the other aboutt their Middle Downe to their Feete, on which they ware low Chappines. This is the Ordinary habitt of the weomen of Macao. Only the better sort are carried in hand Chaires like the Sidans att London, all close covered, off which there are very Costly and ritche broughtt From Japan. Butt when they goe without itt, the Mistris is hardly knowne From the Maide or slave wenche by outtward appearance, all close covered over, butt that their Sherazzees or (? shawls are) Finer.⁶³ [...] The said weoman when they are within Doores wear over all a Certaine large wide sleeved vest called Japan kamaones or kerimaones because it is the ordinary garment worne by Japaneses [...] their upper garment and their haire all made uppe on the Crowne of their heads, adorned with Jewells according to their abillities. These kinde of Dressing, soe quickly to bee done, Doe become them

soe well As others thatt bestow halffe a day aboutt themselves...⁶⁴

Durante a sua estada de seis meses em Macau, o autor observa o dia-a-dia dos habitantes da cidade, bem como alguns dos seus costumes, comparando-os, mais uma vez, aos costumes europeus, transpondo realidades para as aproximar e (des)codificar. Descreve minuciosamente um jogo nunca antes visto por si, que teve lugar a um domingo (dia santo e dedicado ao lazer), durante o qual “15 or 16 Cavalleros on Horsebacke ran att the Ring”, para, de seguida, descrever o jogo de Alcanzias, “much used in Spaine”,⁶⁵ e semelhante a um outro jogado em Inglaterra.⁶⁶ São ainda descritos outros divertimentos dos habitantes da cidade (“In whatt the Portugalls att Macao Doe take Delightt in, with their recreationes”):

“[In] their faire large strong Ritche and well furnished houses, Their wives and Children as Ritche in Jewells and apparell, their Number off slaves (For the most part the Men slaves Curled head Caphers and the Femalles Chinesas), Their meetings, Feastings and rejoycings att their weddings, Christnings and holidiaes (which are often); having Neither Fields Nor gardeins abroad, the Chinois not allowing them. [...] Now and then in their Manchooas, pretty boates of which there is scarce any house of quality butt is provided, they goe with their Families to the smalle baies and Creekes thatt ly among the adjoyning Ilands round aboutt them, where they remaine 8 or 10 daies [...], under the tentts they carry with them, in some fine little vally by a Running water, off which here is store. These are the Delightts of the Portugalls in these parts, with others.”⁶⁷

Neste mesmo capítulo o autor refere o facto de Macau ser um território de extensão reduzida e delimitado pela fronteira chinesa, especificando o “fim a que se destina” a muralha e a Porta do Cerco, que divide os portugueses/europeus e chineses para além da vivência cidade:

“...a wall overthwart, reaching From Sea to Sea, about ½ a Flightt shotte in all. In the said wall is a gate or passage with China watchmen, through which No Portugall May passe without speciall licence. And slaves thatt have a Mynd to run away From their Masters, if they once gett through there, are saffe From Farther persuite, of which not a Few. [...] And uppon occasion of Discontent with the Portugalls, the said gate is shutt and all Manner off Sustenance Debarred them by the Chinois...”⁶⁸

DIPLOMACY

No entanto, a necessidade de evasão e de espaços verdes leva os portugueses a viajar, com prazer, para ilhas adjacentes ao território, formando acampamentos familiares que duram dias, daí que o autor refira a existência de riachos de água abundante, de onde os portugueses podem beber durante a sua estada nessas mesmas ilhas. Em relação aos alimentos essenciais: “All sorts off provisiones here, as bread, Flesh, Fish, Fruite, etts., very Cheape.”⁶⁹ Relativamente aos divertimentos locais, o viajante refere a catequização da população chinesa de Macau, levada a cabo pelos Jesuítas. No capítulo “Plaies exhibited by the Chineses to the Common people gratis” o autor descreve a peça de teatro e a generosidade dos portugueses em tempo de festas:

“The 12th November [1637]. Beeffore the Captaine of the galleones lodgings (which was in very Faire house beelunguig to the Jesuitts) was erected a scaffold or Theater, wheron was acted a play performed by China boies. The outtward action seemed pretty well unto us, and well Favoured boies; their singuing somwhatt like to thatt in India, all in unison, keeping stroke and tyme with tabours and Copper vessells. It was Don in the open place to all Commers withoutt any Mony Demaunded. It seemes Men of quality, uppon causes off rejoycing, as weddings, birth off Children, Feast, etts., Do exhibit and bestow these plaies among the Common people gratis, they themselves paying For it. They Acte also with Men.”⁷⁰

Em 25 de Novembro, o almirante e os capitães ingleses são convidados para ir a terra assistir a uma representação, na Igreja de São Paulo. Os navegadores declinam o convite, sendo que os que moram em terra assistem à peça:

“It was part of the liffe of their Much renowned Saint Francisco Xavier, in the which were Divers pretty passages, viz., A China Daunce by Children in China habitt; A Bataille beetweene the Portugalls and the Dutch in a daunce, where the Dutch were overcome, butt without any reproachfull speeche or Disgracefull action to thatt Nation.

Another Daunce off broad Crabbes, commonly called Stoole Crabbes, beeing soe Many boies very prettily and wittily Disguised into the said Forme, who all sung and played on Instrumentts as though they had bin soe many Crabbes. Another daunce off Children soe smalle thatt it allmost seemed impossible it could have bin performed by them (For it might bee



Mulheres chinesas.

Doubted whither some off them were able to goe or Noe), Chosen off purpose to breed admiration.”⁷¹

Estamos perante uma peça de carácter hagiográfico, com um objectivo didáctico, uma vez que determinados conceitos da religião cristã seriam difíceis de decodificar e traduzir para a população chinesa de Macau, daí que também a fachada da Igreja de São Paulo tenha sido já referida, em diversos textos sobre Macau, como um “parábola de pedra”.⁷² O próprio Mundy relaciona o teatro com a missão Jesuíta,⁷³ nomeadamente entre as crianças de etnia chinesa:

“...as it was the Jesuitts to enstructe them, who not only in this, butt in all other Manner (of) education are tutours and have the Care off the bringuing uppe the youth and young Children off this towne, especially those of quallity.”⁷⁴ A par da catequização apresentase, igualmente, a propaganda política por parte dos portugueses, levando a população chinesa da cidade, com o máximo de respeito, a ver os holandeses como inimigos do território.⁷⁵ A narrativa contém relatos de malabarismos feitos pelos actores, o envolvimento dos pais das crianças luxuosamente vestidas e o papel de encenador que um dos jesuítas desempenha em palco, elementos estes que concorreram para a expressa excelência da peça.

Após a experiência acumulada durante os seis meses de permanência na Leal Cidade de Macau, em

DIPLOMACIA

26 de Dezembro de 1637, o autor do diário afirma que o Governador declarou que, nessa mesma noite, os ingleses partiriam da cidade:

“And thatt therfore hee would cause a publication thereof to bee made in the Citty, Soe thatt any thatt had accompts with us mightt com and cleare them. In the way I mett his Officer comming towards us with a Message From him, [...] hee Fell a Rayling in Most violent Manner with uncivill and Discourteous language, asking if wee knew where wee were, if wee Did not thincke ourselves in the King of Spaines Dominion, or Did know him to bee generall; whither wee thoughtt our selves in London, Miscalling us by the Name of Picaros, Borachos, Traidores, etts., to say, Rogues, Drunkards, traitors, etts.; and that wee should Forthwith Depart to our Shippes, and thatt whomesoever hee Found ashoare in the Morning, hee would cause him to bee hanged and Confiscate all the goodes Found in the towne; and soe hee left Mee without suffring Mee to speake one word.”⁷⁶

Mundy apresenta como razão para este descontentamento o facto de a frota inglesa se preparar para transportar pessoas e mercadorias (“wealth”)⁷⁷ de Macau para a Índia. Nessa mesma noite, os guardas da cidade expulsam os súbditos de Carlos II para os seus navios, a pedido do Senado que se justificou afirmando que “there were sundry Choppes New come From Cantan, wherin they were commaunded to putt us Forth Immediately”,⁷⁸ o que acontece em 27 de

Sendo uma plataforma multicultural por excelência até aos dias de hoje, Macau foi, desde sempre, um local privilegiado para se testemunhar a vivência exótica entre várias etnias, costumes e religiões. A descoberta empírica da diferença do Outro, sendo multidimensional e fruto de contemplação emotiva, é algo difícil de conseguir de uma forma objectiva, processo este que Todorov denomina “exotopia”, ou seja, “afirmação da exterioridade do outro que acompanha o seu reconhecimento enquanto sujeito.”⁸⁰ Surgindo do espaço-mistério que ilustra as distâncias da dicotomia: Eu civilizacional – Tu Outro, o exotismo, enquanto objecto de estudo, exige uma abordagem interdisciplinar que capte toda a sua complexidade, fundindo-se, portanto, com a experiência humana que a viagem geográfica e imaginativa proporciona, espelhando a imagem de contrastes que cada civilização tem das demais, neste caso a Europeia (protestante) em relação ao contexto cultural e político de Macau no século XVII. A viagem, real ou imaginária, mas sempre simbólica, vai-se construindo em torno de mitos e representações, por vezes hiperbólicas, de tempos, lugares e personagens em constante movimento, de e para o enclave português.

Como traços e signos da estética da alteridade, presentes no diário de Mundy, poderemos listar a panóplia de nomes próprios, topónimos, epítetos, expressões e imitação de sons e transcrição de palavras das línguas chinesa, portuguesa e japonesa, bem como outros indicadores qualitativos que transportam o leitor

A viagem, real ou imaginária, mas sempre simbólica, vai-se construindo em torno de mitos e representações, por vezes hiperbólicas, de tempos, lugares e personagens em constante movimento, de e para o enclave português.

Dezembro de 1637. No dia seguinte, John Mountney e Robinson vão a terra entregar um protesto contra o General e a cidade, “it beeing allsoe this Day 6 Monthes since they carried our Kings Majesties Freindly lettre unto them.”⁷⁹

A cidade de Macau, sendo a única ponte da Europa para o Império do Meio, não se encontra disposta a abrir as suas portas a qualquer nação que possa ameaçar o seu estatuto no Extremo Oriente.

para um universo semântico diferente do seu, onde imperam vestes, traços faciais, gestos e objectos característicos. O discurso exótico poderá então funcionar como *tropos* ou técnica de simulacro e desfamiliarização do real, enquanto todos estes temas e figuras simbólicas se constroem e utilizam recursivamente no diário de viagem do autor, auxiliando a interpretação do leitor, indo, por vezes, de encontro ao seu “horizonte de expectativa”.⁸¹ Os

DIPLOMACY

Outros, em Macau, são então (des)cobertos através da ordenação de um mundo semi-encontrado que exige recursos estilísticos e uma linguagem específica para o espelhar. A redacção de um diário, enquanto imagem gráfico-simbólica, serve também para ordenar o pensamento e formar um conhecimento mais profundo da Humanidade como um todo, enquanto os demais navegadores da nação inglesa apr(e)endem, desses mesmos *travelogs*, factos e conhecimentos essenciais para futuros contactos quer com os portugueses quer com os nativos destes novos mundos em que se adensam inúmeras oportunidades comerciais. O diário de que nos ocupamos adquire ainda um valor especial ao conseguir transmitir de forma única e completa a esfera civilizacional que se desvenda perante os seus sentidos; aliás Virginia Woolf define diário como “[a] capacious hold-all, in which one flings a mass of odds and ends (20 April 1919).”⁸²

A descrição de Mundy apresenta-se, assim, como uma fonte essencial e única para o estudo quer da História de Macau quer das relações anglo-portuguesas no Extremo Oriente, nos aspectos diplomático, económico, cultural e religioso, entre muitos outros. Sendo a presença humana recorrente

e primordial neste documento, este último goza ainda de um valor antropológico acrescido, podendo ser complementado com a leitura de outras descrições coevas, nomeadamente a de António Bocarro (1635) e Marco D’Avalo (1638). Enquanto representação do microcosmos que se desvenda perante o filtro do olhar do narrador, o diário adquire um estatuto de sinceridade que o transforma, por vezes, em fonte histórica por excelência,⁸³ usufruindo de valor e estatuto especiais, na medida em que é fruto de um olhar externo, embora europeu, da realidade quotidiana de Macau da primeira metade do século XVII, que, de acordo com Marco D’Avalo é “a melhor, a mais forte e a mais rendosa das possessões portuguesas nas Índias, – tendo eu visitado a maioria delas.”⁸⁴ No entanto, o relato inglês reflecte o final da era dourada do território, pois o rendível comércio com Nagasáqui, após alguns anos de grande tensão, chegará ao fim; a fome assola a cidade em 1648, afectando os seus cerca de 40.000 habitantes; e, finalmente, nos anos sessenta, os manchus invadem o Sul da China, enquanto a maioria dos chineses são forçados a abandonar o enclave, que, entretanto, luta pela sua própria sobrevivência.⁸⁵ **RC**

NOTAS

1 Em 1635, ano em que António Bocarro redige a sua descrição de Macau, um brigue inglês, o *London*, atraca em Macau, levando as autoridades chinesas a multar os Portugueses por autorizarem os “bárbaros de cabelo vermelho” a entrar na cidade, facto este que, decerto, também influenciará as medidas tomadas quando da chegada da frota do capitão Weddell. Cf. Austin Coates, *Macao and the British (1637-1842): Prelude to Hong Kong*, pp. 7 e 28. Este último autor, na sua obra *Macau: Calçadas da História*, p. 84, afirma que o escocês William Carmichael parte de Lisboa para Goa em 1581, visita Macau, “tornando-se assim o primeiro inglês de que há registo a visitar a China e um dos muito poucos que terão conhecido Macau nos seus primórdios”. Richard Frobisher dirigia-se para o Japão, na companhia da sua mulher, Joan, os dois filhos e a criada, Judith, quando o navio em que seguiam viagem naufragou, acabando a comitiva por visitar Macau, cujas autoridades, como acontece com a tripulação do navio de Mundy, tudo fazem para os afastar quer do Japão quer da China. “Joan Frobisher e Judith foram assim, que se saiba, as primeiras mulheres inglesas que vieram para a China” (Id., *ibid.*, p. 88). Judith muda o nome para Júlia, permanece em Macau, casando-se com um jovem macaense, que vai trabalhar para a Alfândega de Malaca, onde Mundy a encontra: “24th May. We anchored in the road of Malacca and saluted the town [...] The Master Gunner is an Englishman long since run away from one of the Company’s ships and married to a Portuguese half-caste. Here is also an

Englishwoman married to a Portuguese half-caste of some quality, having between them one pretty boy. She came from England 18 or 19 years ago in the “Unicorn”, being maid servant to one Furbisher, a carpenter, and his family. After some adventures she was befriended by the Portuguese and married to this man who has a post in the Custom House. Her name was Judith and is now Julia de la gracia.” (Peter Mundy, *The Travels of Peter Mundy 1597-1667*, John Keast (ed.).)

2 Cf. Carlos Alexandre de Moraes, *Cronologia Geral da Índia Portuguesa 1498-1962*, p. 98. A respeito da chamada “Convention of Goa”, assinada por William Methwold, Presidente da feitoria de Surrate, veja-se John Keay, *The Honourable Company. A History of the English East India Company*, pp. 108, 117, 121-22, 131.

3 Cf. John Keay, *The Honourable Company*, p. 121.

4 De acordo com Charles Boxer, *Macau na Época da Restauração/Macau Three Hundred Years Ago*, p. 51, a frota inglesa chega a Macau em 5 de Julho de 1637. Provavelmente, a tripulação permanece oito dias nas ilhas próximas de Macau antes de entrar na cidade.

5 Courteen, juntamente com Endymion Porter, consegue, em 1637, do monarca inglês Charles II autorização para comercializar nas Índias Orientais, já visitadas pelas embarcações da Companhia das Índias Orientais. (Cf. Philip Lawson, *The East India Company: A History*, p. 34). No entanto, há já alguns anos que Courteen e os capitães das suas embarcações lutavam contra a supremacia portuguesa no Oceano Índico. A este respeito veja-se Sanjay Subrahmanyam, “A intervenção

DIPLOMACIA

- inglesa na Índia (1604-1623). O ataque às Molucas pelos Holandeses”; John Keay, ob. cit., pp. 120-124).
- 6 Peter Mundy nasce no seio de uma família de mercadores de Penryn, em Cornwall. John Keast (ed.), *The Travels of Peter Mundy 1597-1667*, pp. 1 e 2, respectivamente, afirma: “He [Peter Mundy] was given a reasonably good education and then sent across the Channel to learn the French language. Subsequently he went to Spain and developed an ambition to travel to various parts of the world. [...] It is strange that the Cornish historian Hals who lived not so long after Peter Mundy makes no mention of him but Tonkin, writing early in the next century, maintains that our traveller was the son of Richard Mundy, senior of Penryn. [...] It seems likely that Peter Mundy died at some time between 1667 and 1670...”. Austin Coates, *Macao and the British*, p. 1, afirma ainda: “[Peter Mundy was] one of the most travelled Englishmen living...”
 - 7 Obra publicada por Sir Richard Carnac Temple e L. Anstey com o título *The Travels of Peter Mundy (1608-1667)*, 5 vols., Hakluyt Society, Londres, 1907-1936. A propósito desta mesma fonte e, sobretudo, para a representação da comunidade japonesa no estabelecimento português vejam-se os nossos artigos “Images and representations of Japan and Macao in Peter Mundy’s *Travels* (1637)”; “A dimensão multicultural de Macau em *The Travels* de Peter Mundy (137)”, in Revista *Macau*, Macau, no prelo. Veja-se ainda o nosso trabalho “Imagens de Macau na Literatura Inglesa”.
 - 8 Esta mesma descrição (“Descrição de Macau, em 1637 por Peter Mundy”) foi traduzida por Charles Boxer, ob. cit., p. 51-75, tendo como fonte a transcrição de Sir R. C. Temple and L. Austey (eds.), ob. cit., pp. 159-316. O manuscrito original encontra-se preservado na “Bodleian Library”, em Oxford. (Rawlinson MS. A 315).
 - 9 A diarística apresenta diversas características entendidas como específicas ao sub-género. Sendo um registo sistemático de acontecimentos e (inter)vivências, “o diário assenta a sua especificidade antes de mais [n]a narração intercalada, [...] uma enunciação narrativa intermitente, ocorrida em momentos de pausa da história, neste caso constituída pelas experiências que o dia-a-dia vai proporcionando ao narrador.” (Cf. Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, *Dicionário de Narratologia*, p. 105). Robert A. Fothergill, *Private Chronicles: A Study of English Diaries*, p. 11, afirma que o diário deverá ser interpretado “as a manifestation of the history of “sensibility” – the reflection, at the level of individual consciousness, of the succession of social and cultural epochs.” Já William Mathews, *An Annotated Bibliography of British Diaries*, p. xv, afirma “[a diary is] a personal record of what interested the diarist, usually kept day by day, each day’s recording being self-contained and written soon after the events occurred, the style usually being free from organized exposition.” De acordo com a tipologia de Fothergill, podemos classificar o diário de Peter Mundy como “journal of personal memoranda” (p. 17).
 - 10 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 62. Os chineses designavam os mercadores e viajantes ingleses de “bárbaros de cabelo vermelho”. De acordo com Hosea Ballou Morse, *The Chronicles of the East India Company trading to China 1635-1834*, vol. 1, p. 21, n.º 1, “To the Chinese ‘red-haired’ would compromise all shades of hue with ripening wheat to ripe chestnut, including also the vermilion hue with which they depict the demons of the nether world.”
 - 11 Cf. Hosea Ballou Morse, *The Chronicles...*, pp. 16-17.
 - 12 Quase no final da sua descrição de Macau (p. 67), Mundy informa o leitor de um imóvel pertencente aos jesuítas: “To the Seaward it hath a very Faire large straunde, which the buildings thereon goe all compasswise like unto a halffe Moone. On the Inner side of the Citty lieth a little rocky Iland called Isla Verde or greene Iland, beelounging to the Padres of Saint Paule, or the Jesuits...”. Tal facto, juntamente com os demais imóveis que o autor descreve, e que pertencem a esta mesma Ordem, espelham a importância e influência dos Jesuítas na cidade, nos séculos XVI-XVII.
 - 13 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 53. De acordo com Charles Boxer, também o capitão Bornford, que visitou Macau em 1635, refere que os portugueses são “muito cortesies e conciliadores” para com os ingleses. António Bocarro, na sua descrição de Macau (in Boxer, *Macau...*, p. 46), refere as viagens de e para Macassa desde Macau, durante as quais os mercadores fazem negócio com os “Ingrezes, Dinamarcos...” (negrito nosso).
 - 14 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 67.
 - 15 Id., ibid..
 - 16 A respeito de espaços fortificados, veja-se Gastão de Mello de Matos, “Fortificação”.
 - 17 Sobre este assunto, e sobretudo, sobre o comércio entre Macau e o Japão, veja-se: João Paulo Oliveira e Costa, “Os Portugueses na China”, Id., “Os Portugueses no Japão” e “As missões cristãs na China e no Japão”; Id., *Portugal and the Japan: The Namban Century*; Id., “Japão”; Id., *A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses*; Id., “Macau e o Japão nos Séculos XVI e XVII”; João Paulo Oliveira e Costa e Ana Fernandes Pinto (eds.), *Cartas Anuas do Colégio de Macau (1594-1627)*; Luís Filipe Thomaz, “Les Portugais dans les mers de l’ Archipel au XVI siècle”; *Nanban Jin: os Portugueses no Japão*; Artur Teodoro de Matos, “A carreira do Japão, Macau e o comércio português no Oriente”; Valdemar Fernando da Silva Coutinho, *O Fim da Presença Portuguesa no Japão (1639)*; C. A. Montalto de Jesus, *Historic Macao: International Traits in China Old and New*, pp. 20-1; Jorge Manuel Flores, “The ‘discoverers’ of Japan”; Charles Ralph Boxer, *The Christian Century in Japan*; Id., *Fidalgos in the Far East, 1550-1770*; Id., *The Great Ship of Amakon*; George Bryan de Souza, *A Sobrevivência do Império: os Portugueses na China (1630-1754)*.
 - 18 O *tour de force* entre Weddell e as autoridades portuguesas e chinesas arrasta-se durante algum tempo, enquanto o capitão inglês, através das mais variadas estratégias, tenta chegar a Cantão com fins comerciais. “His [Weddell’s] feelings were also exacerbated by continual reports that the Portuguese were at Canton, stirring up the Chinese to renewed hostilities [...] Weddell was at Macao by virtue of a convention signed by the Portuguese Viceroy of the Indies, a subject of the King of Spain; besides this, he was entreating the Governor of Macao to use his good offices on his behalf; notwithstanding these considerations Weddell debated with his officers ‘Whither it were best to stay her or lette her goe [to Canton]’.” (Cf. Hosea Ballou Morse, *The Chronicles...*, pp. 22 e 24 respectivamente). No final, Weddell “still, however, saw a prospect of entering the China trade in the future, and with that in view he recommended that the Island of Hainan should be seized and held as a British possession.” (Id., ibid., p. 27). “...Weddell came, ready to use the Portuguese side door, ready to knock humbly at the front door if it should be slammed in his face. He had been for years in the service of the East India Company, and his opinion may be assumed to have been the same as that expressed in 1627, in a reasoned memorandum on opening trade with China, by the Presidency of Batavia to the Directors of the Company. The memorandum begins: ‘Concerning the Trade of China, three things are especially made known unto the World. The One is, the abundant trade it affordeth. The Second is, that they admit no Stranger into their country. The Third is, that trade is as Life unto the Vulgar, which in remote parts they will seek and accomodate, with Hazzard of all they have.’” (Id., ibid., p. 29).
 - 19 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 57.
 - 20 O autor refere igualmente, no final da sua descrição de Macau, a perseguição aos cristãos europeus e nativos por parte do imperador

DIPLOMACY

- japonês, descrevendo as “leis cruéis” e o terror generalizado que se vivia no arquipélago (p. 69). Em Macau encontram-se inúmeros cristãos japoneses exilados que influenciam a vivência cultural da cidade, especialmente ao nível do vestuário.
- 21 Para outros relatos das viagens de Weddell veja-se: Foster, *English Factories in India, 1634-1644*, 2 vols., Oxford, 1911-12; H. B. Morse, *The Chronicles of the East India Company trading to China 1635-1834*, vol. I.
 - 22 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 73: “**You may read off them att large in Mr. Purchas his pillgrimage.**” (negrito nosso). John Keast (ed.), *The Travels of Peter Mundy 1597-1667*, p. i, cita o autor no que diz respeito à circulação e objectivos da escrita do diário, expressos pelo próprio Mundy: “[His journal] should be passed around his family and acquaintances – **“to pleasure such Freinds that are Desirous to understand somewhat of Forraigne Countries.”**” (negrito nosso). Nas palavras do viajante inglês encontra-se subjacente o princípio horaciano: “Os poetas ou querem ser úteis ou dar prazer ou, ao mesmo tempo, tratar de assunto belo e adaptado à vida.” (Cf. Horácio, *Arte Poética*, p. 105. Com base na afirmação de Mundy, poderemos aproximar certos excertos do diário à narrativa epistolar, havendo destinatários especificados pelo narrador, num registo próximo do da epístola. Em relação à figura do leitor do diário em particular, Harriet Blodgett, *Centuries of Female Days*, p. 8: “For the reader, suspense is indigenous to the diary form and gives any diary a quality of tension not unlike the suspense of reading a novel or play. Yet, however unplanned, diaries are not chaotic. The reader awaits, and discovers, the completed actions, the patterns, the sequences, the obsessive concerns that may inform a diary.” A propósito desta questão veja-se J. Rousset, “Le journal intime, texte sans destinataire?”; M. Calle-Gruber, “Journal intime et destinataire textuel”; S. E. Kagle, “The diary as art: a new assessment”; B. Didier, *Le Journal Intime*.
 - 23 Para referência a Macau na obra de Daniel Defoe, veja-se o nosso artigo: “A imagem dos navegadores portugueses na literatura inglesa setecentista: Robinson Crusoe, Captain Singleton e Gulliver na senda das rotas marítimas portuguesas”.
 - 24 Cf. nosso verbete “Exotismo”, in Carlos Ceia (dir.), *Dicionário de Termos Literários*, Editorial Verbo, no prelo.
 - 25 Cf. Edward Said.
 - 26 Na página 72, Mundy refere o seu passeio fora das muralhas de Macau, durante o qual encontrou sepulturas que diz serem semelhantes às dos “Turckes”.
 - 27 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 53.
 - 28 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 66. Em relação aos Descobrimentos/Literatura de Viagens e a História Natural veja-se Fernando Cristóvão, “A Literatura de Viagens e a História Natural”.
 - 29 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 71.
 - 30 A este respeito veja-se o nosso artigo “A dimensão da alteridade em *Os Lusíadas*”.
 - 31 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 53.
 - 32 Charles Boxer, *Macau...*, p. 54, negrito nosso.
 - 33 De acordo com Charles Boxer, *Macau...*, p. 56, a armada do Japão de 1637 consta de seis galiotas sob o comando do capitão-mor da viagem, Dom Francisco de Castelbranco.
 - 34 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, pp. 55-56.
 - 35 Expressão cunhada por Victor Segalen, *Essai sur l'exotisme*, p. 41.
 - 36 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 56.
 - 37 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 55.
 - 38 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 57. Apesar de nunca ter visitado Macau, António Bocarro refere a importância do comércio da cidade com o Japão, apresentando uma visão mais completa desta mesma actividade do que a de Peter Mundy, uma vez que Bocarro, sendo português e vivendo em Goa, detém o privilégio de acumular informação e conhecimentos sobre Macau: “As viagens que se fazem desta cidade de nome de Deos bem se vê que a principal e de mais consideração he a de Japão onde vão quatro Pataxos carregados de sedas de varias sortes, e em dez ou doze dias de viagem a ida, e oito ou dez a vinda com detença em Japão de hum mês, pouco mais ou menos, se faz de todas estas fazendas que alem da dita seda, he muito ouro, muito pao da China, e se troca por prata da muita que há em Japão aly mesmo nascida trazendosse tambem o dito cobre que está no Regimento, e mui canfora, e alem disto muitos dourados que são os de Japão muito millores que da China....” (António Bocarro, “Descrição de Macau, em 1635”, in Charles Ralph Boxer, *Macau...*, p. 40.
 - 39 De acordo com Boxer, *Macau...*, p. 59, o padre é o ministro protestante Arthur Hatch (1593-1639) que esteve no Japão em 1622.
 - 40 Maria Helena Mendes Pinto, *Biombo Namban/Namban Screens*, pp. 5- 6, afirma: “o característico *beobu* japonês compunha-se de duas unidades que conjuntamente com outros pares de biombo definiam, em geral, espaços de desigual importância, desempenhando uma função originariamente mais utilitária do que decorativa. Levados para o Japão no século VIII, directamente da China ou através da Coreia onde a influência chinesa predominava, os biombo passaram a fazer parte integrante do viver japonês”.
 - 41 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, pp. 59-60. De notar a utilização recorrente do adjectivo “curious” por parte do autor, facto este que, mais uma vez, expressa o espanto e maravilhamento perante o exótico/chinês, que, mais tarde, na Europa se tornaria moda (*chinoiseries*).
 - 42 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 61.
 - 43 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 60. A exótica culinária macaense agrada, portanto, ao paladar inglês. Sobre esta mesma descrição, Austin Coates, *Macau: Calçadas da História*, p. 61, afirma: “Na visita que faz a Macau, Peter Mundy refere que um jantar servido em sua honra foi acompanhado de música, classificando-a, contudo, de “indiferentemente boa”. É que, ao contrário de Goa, não se desenvolvera na cidade uma tradição musical própria, dado o manifesto desinteresse dos chineses pela música europeia. As melodias de maior qualidade estavam ligadas à Igreja, que chegou mesmo a fundar no seminário algo de semelhante a uma Faculdade de Música (e muito boa, ao que parece), contando-se os Japoneses entre os seus melhores alunos.”
 - 44 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 61.
 - 45 De realçar a preocupação do autor em indicar a etimologia do termo “Mandarin”, que entra na língua inglesa por via do Português. Veja-se Jorge Morais-Barbosa, *A Língua Portuguesa no Mundo*, p. 134.
 - 46 O leão é, de facto, um animal e elemento simbólico/ emblemático que (de)marca posição na cultura chinesa, nomeadamente nas danças e nas portas dos templos. Veja-se Hans Biederman, *The Wordsworth Dictionary of Symbolism*, p. 210; Jean Chevalier e Alain Gheerbrandt, *Dictionnaire des Symboles*, pp. 576-577.
 - 47 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 60.
 - 48 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 61.
 - 49 Id., *ibid.*
 - 50 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, pp. 61-62.
 - 51 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 63.
 - 52 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 64. Nesta mesma página, o viajante inglês informa o leitor do costume que os chineses têm de vender os filhos, prática esta referida por inúmeros outros viajantes europeus no Império do Meio.
 - 53 Cf. Marco D'Avaló, “Descrição de Macau, em 1638”, in Charles Boxer, *Macau...*, p. 84: “Os portugueses casaram com mulheres chinesas e desta forma tornou-se povoada.”
 - 54 Cf. N. C. Mathieu, “Sexes (différenciation des)”: “Toutes les sociétés élaborent une grammaire sexuelle (du “féminin” et du “masculin”, sont imposés culturellement au mâle et à la femelle) mais cette grammaire - idéelle et factuelle - outrepassé parfois les “évidences”

DIPLOMACIA

- biologiques. D'où l'utilité des notions de "sexe social" ou de "genre" [...] pour analyser les formes et les mécanismes de la différenciation sociale des sexes." Também Donna J. Harraway, *Feminism and Technoscience*, pp. 28 e 30, afirma "Gender is always a relationship, not a performed category of beings or a possession that one can have [...] differentiated by nation, generation, class, lineage, color, and much else. [...] Gender and race have never existed separately [...] To be unmanly is to be uncivil [...]: These metaphors have mattered enormously in the constitution of what may count as knowledge."
- 55 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 63.
- 56 Id., *Ibid.*
- 57 De acordo com Charles Boxer, *Macau...*, p. 64, António Aranha foi capitão-mor da viagem do Japão em 1629, tendo aí permanecido cerca de dois anos.
- 58 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 63.
- 59 No Extremo Oriente, a terra natal inglesa é termo de comparação e referente de contraste com o que de melhor e diferente o viajante encontra pelo seu caminho, sendo que apenas nesta primeira se podem exceder algumas das maravilhas observadas. Esta mesma afirmação revela muito do pensamento do viajante inglês que coloca a sua sociedade acima de qualquer outra que contacta ao longo do movimento e conhecimento que a viagem proporciona e exige. Veja-se Maria Alzira Seixo, "Relation et récit: pour une théorie du discours de voyage. Analyse de témoignages de l'expédition de Vasco da Gama aux Indes", p. 14: "...la littérature de voyages constitue un territoire littéraire ambigu, une sorte de "no man's land", de façon très curieuse, ou peut être justement pas, puisque l'acte de voyager implique un mouvement (en cela homologue de la chaîne discursive, et du geste même d'écrire), ou plutôt il signale un déplacement..."
- 60 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 64.
- 61 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 73.
- 62 Samuel Purchas (c. 1575-1626), historiador inglês e autor de diversos relatos de viagem. Foi igualmente assistente de Richard Hakluyt, publicando: *Purchas His Pilgrimage, or, Relations of the World and the Religions Observed in All Ages* (1613), *Purchas His Pilgrimage: Microcosmus, or, the Histories of Man* (1619). Publicou igualmente os manuscritos de Hakluyt que compilou em *Hakluyt Posthumous, or, Purchas his Pilgrims: Containing a History of the World, in Sea Voyages and Land Travels by Englishmen and Others* (1625-26: 5 vols.). A segunda parte desta última obra contém a descrição da estada de William Adams no Japão, onde uma feitoria inglesa subsiste até à retirada dos ingleses do arquipélago em 1623. [Cf. Ian Ousby (ed.), *The Wordsworth Companion to Literature in English*, p. 755].
- 63 Interpolação de Charles Boxer, *Macau...*, pp. 67-68.
- 64 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 68.
- 65 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 65.
- 66 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, pp. 65-66, respectivamente. Mais uma vez, o exótico marca presença, pois Mundy compara as vestes dos jogadores com as de "moiros da Berbéria" e de "cristãos, tendo cada um os seus negros ou cafres", opondo as duas partes adversárias envolvidas no jogo. Mais uma vez, o vestuário é descrito com uma forte carga simbólica. Outra comparação presente no texto é a que o autor estabelece entre os "rápidos e corajosos" cavalos existentes em Macau e uma outra raça inglesa, os *Cornish Nagges* (p. 60).
- 67 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 66-67, respectivamente.
- 68 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 72.
- 69 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 67.
- 70 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 70.
- 71 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, pp. 70-71.
- 72 Veja-se Jorge M. dos Santos Alves, s.v. "Macau"; Rafael Ávila de Azevedo, *A Influência da Cultura Portuguesa em Macau*, pp. 13-26.
- 73 O teatro (de oratória) foi utilizado pelos Jesuítas como instrumento quer de catequese quer de civilização e diversão.
- 74 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 71.
- 75 Para uma descrição do contexto que levou à *entente cordiale* anglo-portuguesa contra a Companhia das Índias Holandesas no Estreito de Malaca no século XVII, veja-se Marcus P. M. Vink, "The entente cordiale – The Dutch India Company and the Portuguese shipping through the straits of Malacca (1641-1663)".
- 76 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 74. De acordo com Boxer, em nota de rodapé, nesta mesma página, este bando do Capitão-Geral Domingos da Câmara de Noronha foi publicado em Macau aos 29 de Outubro de 1637, sendo mal interpretado e pior obedecido, como nota Mundy. Entre os que não quiseram deixar a ocasião de embarcar num baixel inglês (e assim evitar o bloqueio holandês do estreito de Malaca) estava Dom Gonçalo da Silveira.
- 77 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 75.
- 78 Id., *ibid.* "Choppes" são chapas através das quais eram decretadas leis na China.
- 79 Cf. Charles Boxer, *Macau...*, p. 75. Esta mesma carta de Carlos II fora entregue em 12 de Dezembro de 1935, quando da "Royal Commission" a Weddell para comercializar nas Índias Orientais. Cf. Hosea Ballou Morse, *ob. cit.*, p. 16: Under the same date were issued: [...] 5º Letters to the Portuguese Viceroy at Goa, and to the Governor at Macao." Esta estratégia demonstra quer o poder e supremacia dos portugueses no Oriente, portanto, aliados indispensáveis de qualquer europeu, quer o carácter premeditado da iniciativa.
- 80 Cf. Tzevan Todorov, *La Conquête de l'Amérique: la question de l'autre*, p. 254.
- 81 Cf. Wolfgang Iser, *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response*, p. 99.
- 82 Cf. Virginia Woolf, *The Diary of Virginia Woolf 1915-1941*, vol. 1, p. 266. Já Anaïs Nin, *The Novel of the Future*, p. 142, define o diário como "[a] channel of communication".
- 83 Cf. Robert Fothergill, *Private Chronicles: A Study of English Diaries*, p. 40. Veja-se também o capítulo "Self-projection", pp. 95-152.
- 84 Cf. Marco D'Avaló, "Descrição de Macau, em 1638", in Charles Boxer, *Macau...*, p. 89.
- 85 Cf. John E. Wills, Jr., "The survival of Macao, 1640-1720".

DIPLOMACY

BIBLIOGRAPHY

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

- Mundy, Peter – “Descrição de Macau, em 1637”, in Charles Ralph Boxer, *Macau na Época da Restauração/Macao Three Hundred Years Ago*, edição facsimilada da edição da Imprensa Nacional de Macau de 1942, col. “Obra Completa de Charles Ralph Boxer”, vol. II. Lisboa: Fundação Oriente, 1993, pp. 49-75.
- Mundy, Peter – *The Travels of Peter Mundy (1608-1667)*, introdução, notas e transcrição de Sir Richard Carnac Temple e L. Anstey, 5 vols.. Londres: Hakluyt Society, 1907-1936.
- Mundy, Peter – *The Travels of Peter Mundy (1597-1667)*, introdução, comentários e actualização da grafia de John Keast. Redruth: Dyllanson Truran, 1984.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

- Alves, Jorge M. dos Santos Alves, s.v. – “Macau”, in Carlos Moreira Azevedo (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. J-P. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001, pp. 159-163.
- Avalo, Marco D’ – “Descrição de Macau, em 1638”, in Charles Ralph Boxer, *Macau na Época da Restauração/Macao Three Hundred Years Ago*, edição facsimilada da edição da Imprensa Nacional de Macau de 1942, col. “Obra Completa de Charles Ralph Boxer”, vol. II. Lisboa: Fundação Oriente, 1993, pp. 78-89.
- Azevedo, Rafael Ávila de – *A Influência da Cultura Portuguesa em Macau*, col. “Biblioteca Breve”. Lisboa: I. C. A. L. P., 1984.
- Biederman, Hans – *The Wordsworth Dictionary of Symbolism*. Ware: Wordsworth Editions, 1992.
- Blodgett, Harriet – *Centuries of Female Days: English Women’s Private Diaries*. Gloucester: Alan Sutton, 1989.
- Bocarro, António – “Descrição de Macau, em 1635”, in Charles Ralph Boxer, *Macau na Época da Restauração/Macao Three Hundred Years Ago*, edição facsimilada da edição da Imprensa Nacional de Macau de 1942, col. “Obra Completa de Charles Ralph Boxer”, vol. II. Lisboa: Fundação Oriente, 1993, pp. 19-47.
- Boxer, Charles Ralph – *The Christian Century in Japan*. Berkeley-Los Angeles: Carcanet Press, 1967.
- Boxer, Charles Ralph – *Fidalgos in the Far East, 1550-1770*. Londres: Oxford University Press, 1968.
- Boxer, Charles Ralph – *Macau na Época da Restauração/Macao Three Hundred Years Ago*, edição facsimilada da edição da Imprensa Nacional de Macau de 1942, col. “Obra Completa de Charles Ralph Boxer”, vol. II. Lisboa: Fundação Oriente, 1993.
- Boxer, Charles Ralph – *The Great Ship of Amakon*. Macau: Fundação Oriente-Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1988.
- Calle-Gruber, M. – “Journal intime et destinataire textuel”, in *Poétique*, 59, pp. 389-391.
- Chevalier, Jean Chevalier e Gheerbrandt, Alain – *Dictionnaire des Symboles*. Paris: Robert Laffont/Jupiter, 1993.
- Coates, Austin – *Macao and the British (1637-1842): Prelude to Hong Kong*. Hong Kong: Oxford University Press, 1989 [1966].
- Coates, Austin – *Macau: Calçadas da História*, trad. de Luísa Guedes. Lisboa: Instituto Cultural de Macau-Gradiva, 1991.
- Costa, João Paulo Oliveira e – *A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses*. Macau: Instituto Cultural de Macau-Instituto de História de Além-Mar, 1995.
- Costa, João Paulo Oliveira e – “As missões cristãs na China e no Japão”, in Luís de Albuquerque (ed.), *Portugal no Mundo*, vol. 3 Lisboa: Publicações Alfa, 1989, pp. 143-157.
- Costa, João Paulo Oliveira e – “Japão”, in Luís de Albuquerque (dir.), *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, vol. I. Lisboa: Editorial Caminho, 1994, pp. 537-541.
- Costa, João Paulo Oliveira e – “Macau e o Japão nos séculos XVI e XVII”, in *Revista Macau*, 2.ª série, n.º 67, Novembro 1997. Macau, pp. 190-197.
- Costa, João Paulo Oliveira e – “Os Portugueses na China”, in Luís de Albuquerque (ed.), *Portugal no Mundo*, vol. 4. Lisboa: Publicações Alfa, 1989, pp. 180-196.
- Costa, João Paulo Oliveira e – “Os Portugueses no Japão”, in Luís de Albuquerque (ed.), *Portugal no Mundo*, vol. 4. Lisboa: Publicações Alfa, 1989, pp. 197-211.
- Costa, João Paulo Oliveira e – *Portugal and the Japan: The Namban Century*. Lisboa: Portuguese State Mint, 1993.
- Costa, João Paulo Oliveira e; Pinto, Ana Fernandes (eds.) – *Cartas Anuais do Colégio de Macau (1594-1627)*. Macau: CTMCDP-Fundação de Macau, 1999.
- Coutinho, Valdemar Fernando da Silva – *O Fim da Presença Portuguesa no Japão (1639)*. Lisboa: S.H.I.P., 1999.
- Cristóvão, Fernando – “A Literatura de Viagens e a História Natural”, in Fernando Cristóvão (coord.), *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens: Estudos e Bibliografias*. Lisboa: Edições Cosmos-C.L.E.P.U.L., 1999, pp. 185-218.
- Didier, B. – *Le Journal Intime*. Paris: P.U.F., 1976.
- Flores, Jorge Manuel – “The “discoverers” of Japan”, in *Revista de Cultura*, n.º 17. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1993, pp. 5-16.
- Fothergill, Robert – *Private Chronicles: A Study of English Diaries*. Oxford: Oxford University Press, 1974.
- Harraway, Donna J. – *Feminism and Technoscience*. Londres: Routledge, 1997.
- Horácio – *Arte Poética*, col. “Clássicos Inquérito”, introdução, tradução e comentários de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Editorial Inquérito, 1984.
- Iser, Wolfgang – *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1980.
- Jesus, C. A. Montalto de – *Historic Macao: International Traits in China Old and New*, segunda edição. Macau: Salesian Printing Press e Tipografia Mercantil, 1926 (1902).
- Kagle, S. E. – “The diary as art: a new assessment”, in *Genre*, VI, 4, 1973, pp. 416-427.
- Keay, John – *The Honourable Company. A History of the English East India Company*. Londres: Harper Collins, 1993.

DIPLOMACIA

- Lawson, Philip – *The East India Company: A History*. Londres: Longman, 1998.
- Mathews, William – *An Annotated Bibliography of British Diaries Written Between 1442 and 1942*. Berkeley: University of California Press, 1950.
- Mathieu, N. C. – “Sexes (différenciation des)”, in Pierre Bronte e Michel Izard (eds.), *Dictionnaire de l’Ethnologie et de l’Anthropologie*. Paris: P.U.F., 1992, p. 660.
- Matos, Artur Teodoro de – “A carreira do Japão, Macau e o comércio português no Oriente”, in *Revista Macau*, 2.ª série, n.º 83, Março 1999. Macau, pp. 86-91.
- Matos, Gastão de Mello de – “Fortificação”, in Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. IV. Porto: Figueirinhas, s.d., pp. 409-412.
- Morais, Carlos Alexandre de – *Cronologia Geral da Índia Portuguesa 1498-1962*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- Morais-Barbosa, Jorge – *A Língua Portuguesa no Mundo*. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar, 1969.
- Morse, Hosea Ballou – *The Chronicles of the East India Company trading to China 1635-1834*, vol. 1. Oxford: Clarendon Press, 1926.
- Nin, Anaïs – *The Novel of the Future*. Londres: Peter Owen, 1969.
- Ousby, Ian (ed.) – *The Wordsworth Companion to Literature in English*. Ware: Wordsworth Editions Ltd, 1994.
- Pinto, Maria Helena Mendes – *Biombos Namban/Namban Screens*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 1993.
- Puga, Rogério, s. v. – “Exotismo”, in Carlos Ceia (dir.), *Dicionário de Termos Literários*, Editorial Verbo, (no prelo).
- Puga, Rogério – “A dimensão da alteridade em *Os Lustadas*” in *Revista Lucero: A Journal of Iberian and Latin Studies*. Berkeley: Universidade da Califórnia, Maio de 2001, pp. 73-80. Artigo com modificações em relação ao original: “O exotismo enquanto estética do diverso em *Os Lustadas*”, in *Histórias Literárias Comparadas: Colóquio Internacional, Universidade Católica Portuguesa 11 e 12 de Novembro de 1999*. Lisboa: Edições Colibri-Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, 2001, pp. 261-274.
- Puga, Rogério – “Imagens de Macau na Literatura Inglesa”, in *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses, realizado de 6 a 8 de Maio de 2001, Culturgest-Lisboa*, Centro de Estudos Anglo-Portugueses-F.C.S.H., no prelo.
- Puga, Rogério – “Images and representations of Japan and Macao in Peter Mundy’s *Travels* (1637)”, in *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, vol. 1. Lisboa: Centro de História de Além-Mar-Universidade Nova de Lisboa, 2000, pp. 97-109.
- Puga, Rogério – “A imagem dos navegadores portugueses na literatura inglesa setecentista: Robinson Crusoe, Captain Singleton e Gulliver na senda das rotas marítimas portuguesas”, in *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 8. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia – Centro de Estudos Anglo-Portugueses/F.C.S.H-Universidade Nova, 1999, pp. 47-79.
- Reis, Carlos e Lopes, Ana Cristina M., s.v. – “Diário”, in *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994, pp. 105-107.
- Rousset, J. Rousset – “Le journal intime, texte sans destinataire?”, in *Poétique*, n.º 56, 1983, pp. 435-443.
- Said, Edward – *Orientalism*. Harmondsworth: Penguin Books, 1995 [1978].
- Segalen, Victor – *Essai sur l’exotisme*. Paris: Le Livre de Poche, 1999.
- Seixo, Maria Alzira – “Relation et récit: pour une théorie du discours de voyage. Analyse de témoignages de l’expédition de Vasco da Gama aux Indes”, in Maria Alzira Seixo e Graça Abreu (org.), *Les récits de voyages: typologie, historicité*. Lisboa: Edições Cosmos, 1998, pp. 13-20.
- Souza, George Bryan de – *A Sobrevivência do Império: os Portugueses na China (1630-1754)*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991 [1986].
- Subrahmanyam, Sanjay – “A intervenção inglesa na Índia (1604-1623). O ataque às Molucas pelos Holandeses”, in Luís de Albuquerque (dir.), *Portugal no Mundo*, vol. 5. Lisboa: Publicações Alfa, 1989, pp. 27-37.
- Thomaz, Luís Filipe – “Les Portugais dans les mers de l’Archipel au XVI siècle”, in *Archipel*, n.º 18. Paris: C.N.R.S., 1979, pp. 105-125.
- Thomaz, Luís Filipe – *Nanban Jin: os Portugueses no Japão*. Lisboa: C.T.T., 1993.
- Todorov, Tzevan – *La conquête de l’Amérique: la question de l’autre*. Paris: Éditions du Seuil, 1982.
- Vink, Marcus P. M. – “The entente cordiale – The Dutch India Company and the Portuguese shipping through the straits of Malacca (1641-1663)”, in *Review of Culture*, n.º 13/14. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1991, pp. 289-309.
- Wills, John E., Jr. – “The survival of Macao, 1640-1720”, in Jorge M. dos Santos Alves (coord.), *Portugal e a China: Conferências no II Curso Livre de História das Relações entre Portugal e a China (Séculos XVI-XIX)*. Lisboa: Fundação Oriente, 1999, pp. 111-124.
- Woolf, Virginia – *The Diary of Virginia Woolf 1915-1941*, vol. 1, introdução e notas de Anne Oliver Bell, vol. 1. Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovich, 1977-1984.